

## A REPRESENTAÇÃO DO SILÊNCIO E SILENCIAMENTO EM *CLAIRE OF THE SEA LIGHT* DE EDWIDGE DANTICAT

Ana Flávia de Moraes Faria Oliveira<sup>1</sup>

**Resumo:** No romance *Claire of the sea light* (2013), Edwidge Danticat aborda as relações de colonialidade existentes na sociedade do Haiti, bem como a situação de invisibilidade e subalternidade das mulheres haitianas. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é demonstrar que os silêncios e silenciamentos representados na narrativa são o espaço em que Danticat problematiza as relações de poder entre classes, raças e gêneros. Para tanto, lançaremos mão de ensaios que abordem as questões históricas do Haiti e uma referência que trata dos sentidos dos silêncios na linguagem.

**Palavras-chave:** relações de poder; silêncio e silenciamento; Edwidge Danticat

### Introdução


Nascida em Porto Príncipe, Haiti, Edwidge Danticat é atualmente uma das vozes mais expressivas da diáspora. Sua escrita transita entre histórias ficcionais e não-ficcionais, abordando as questões de raça, classe, gênero e nacionalidade. À medida que conhecemos sua trajetória e como ela emerge como escritora, podemos compreender quão impactante foi para ela ter vivido seus doze primeiros anos de vida, durante uma das ditaduras mais sangrentas do Haiti.

Em uma entrevista ao *Milênio*, Danticat é interrogada sobre os riscos que escritores imigrantes como ela enfrentam ao criar seus trabalhos. Em resposta ao questionamento, a autora revela que aprendeu com Albert Camus (1957) que “criar hoje é criar perigosamente” e que isso é uma realidade não só dela enquanto escritora, mas de muitos outros artistas que tiveram que trabalhar – e trabalham – nas mais adversas circunstâncias. O termo “*Créer dangereusement*”, no inglês, “*Create dangerously*” (Criar perigosamente), vem de uma palestra dada por Camus, em 1957, após receber o Nobel de literatura. Danticat o emprestou para sua coletânea de ensaios intitulada *Create Dangerously: the immigrant artist at work* (2010), no qual ela reflete sobre a arte e o exílio e sobre o que significa, hoje em dia, ser um escritor oriundo de um país que vive em crise.

Danticat explica que existem muitas interpretações do termo, e, parafraseando Camus, entende que criar perigosamente: “é estar criando como revolta contra o silêncio, criando quando tanto a criação como a recepção, a escrita e a leitura são

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras (UFMT), Mestra em Estudos de Linguagem – Estudos Literários (UFMT), membro do grupo de pesquisa Literaturas Africanas e Afrodescendentes de Língua Inglesa na Diáspora (LAALID). Contato: anaflaviamt@gmail.com




empreendimentos perigosos, desobediência a uma diretiva” (DANTICAT, 2011, p. 11, tradução nossa). Em outras palavras, criar perigosamente é não se calar diante de ameaças ou opressões; seriam os riscos que escritores e leitores correm constantemente na resistência de parâmetros, imposições e normas. Nesse sentido, a autora argumenta que o texto literário é o equilíbrio entre o silêncio e a arte, no qual leitores e escritores encontram uns aos outros. Para ela, o leitor tem a coragem de ler um escritor que cria perigosamente porque, primeiramente, o escritor teve a coragem de escrever. Dito isto, Danticat afirma:

Criar perigosamente, para pessoas que leem perigosamente. Isso é o que eu sempre pensei que significava ser um escritor. Escrever sabendo em parte que não importa o quão triviais suas palavras podem parecer, um dia, em algum lugar, alguém pode arriscar sua vida para lê-las. Com a história que tenho - tendo passado os primeiros doze anos da minha vida sob as duas condutas de Papa Doc e seu filho, Jean-Claude - é isso que eu sempre vi como o princípio unificador entre todos escritores (DANTICAT, 2011, p. 10, tradução nossa).

Lauren Maynard (2011) conta que os governos ditadores de François Duvalier, popularmente conhecido como “Papa Doc”, e de seu filho Jean Claude Duvalier, “Baby Doc”, foram os mais opressores dos últimos tempos. A força paramilitar era a mão direita do Estado para intimidar escritores, jornalistas, políticos, cidadãos comuns e a própria polícia. A população era aterrorizada com os sequestros e execuções públicas. No ensaio inicial de *Create dangerously*, Danticat recria uma das execuções que mais chocaram o Haiti durante esse período, onde em 12 de novembro de 1964, em Porto Príncipe, os intelectuais e ativistas Marcel Numa e Louis Drouin tiveram suas vidas ceifadas em praça pública. A autora nos recorda que Papa Doc queria fazer do ato um verdadeiro “espetáculo”, pois os funcionários do Estado ganharam o dia de folga, e as crianças foram liberadas da escola para assistirem à execução.

Danticat nos revela que, quando Duvalier assumiu o poder em 1957, ambos Numa e Drouin deixaram o Haiti, acompanhando seus pais. Fizeram suas vidas nos Estados Unidos, porém, sempre estiveram engajados com as questões políticas de seu país de origem. Juntaram-se a um grupo chamado *Jeune Haiti, Young Haiti* (Haiti jovem), eram dois de treze haitianos que, na época, retornaram ao Haiti para ingressar em uma guerrilha, com a qual eles acreditavam que iriam derrubar Duvalier do poder. Todavia, acrescenta a escritora, eles morreram para que outros haitianos pudessem viver. Para Danticat, “a execução de Marcel Numa e Louis Drouin envolve uma diretiva




desobedecida de uma autoridade superior e uma punição brutal como resultado (DANTICAT, 2011, p. 5, tradução nossa).

Esse passado sombrio foi experienciado por Danticat até seus doze anos, antes dela e seu irmão se juntarem aos pais nos Estados Unidos, onde ela vive até o dia de hoje. De acordo com a autora, os incidentes chocantes durante o período da ditadura foram o que motivaram seus pais e muitas outras pessoas a partir e, talvez, seria a razão dela permanecer em outro país e escrever em inglês, uma língua que não é a sua de origem. A fim de perdurar essa memória, as injustiças e violências praticadas pelos governos ditadores são temas representados frequentemente nas narrativas de Danticat. *Claire of the sea light*, por sua vez, não faz referências históricas diretas sobre esse período, mas representa diferentes formas opressivas de silêncio.

### **Silêncio e silenciamento em *Claire of the sea light***

Eni Orlandi (2007), em “As formas do silêncio”, desempenha a difícil tarefa de refletir sobre os silêncios. A autora propõe uma concepção não-negativa do silêncio, ou seja, ele não é definido negativamente em relação à linguagem (o que ele não é), mas em sua relação constitutiva com a significação (o que ele é). A autora rejeita a ideia de que o silêncio é vazio, e argumenta que para enxergá-lo, é preciso observá-lo indiretamente por métodos (discursivos) históricos, críticos, desconstrutivistas, pois ele se mostra fugazmente através de fissuras, rupturas e falhas. Nesse sentido, pensar o silêncio é problematizar as noções de linearidade, pois sua significação não se desenvolve em linha reta.


Orlandi nos chama atenção para a importância de compreender o silêncio e explicitar o modo pelo qual ele significa e acrescenta que essa significação, porém, não resulta da tradução do silêncio em palavras, mas os seus modos de significar. Ela salienta que observa o silêncio indiretamente porque mais do que “marcas”, existem pistas e são essas pistas que procuramos averiguar em nossa análise, procurando entender seus modos de significações. O silêncio e silenciamento são representados por diferentes formas e por diversos personagens da narrativa. Antes, porém, de adentrarmos essas representações, faz-se necessário esclarecer que o romance é composto por diferentes histórias interconectadas.



No capítulo inicial intitulado “*Claire of the sea light*”, é narrada a história de Claire, uma garota pobre, cuja mãe morreu no seu nascimento. Seu pai, o pescador Nozias, já há alguns anos vinha tentando convencer Madame Gaëlle a adotar Claire para que pudesse partir de Ville Rose em busca de melhores oportunidades. Quando finalmente a senhora aceita adotar a criança, ela desaparece. Somente sabemos o que acontece com a garota no capítulo final, em “*Claire de lune*”. A medida que a comunidade se mobiliza à procura da garota, uma série de segredos dolorosos são revelados. Dessa forma, entre a história inicial, com o desaparecimento da garota e seu reaparecimento no final, são apresentadas narrativas de outros personagens de Ville Rose: a história de Gaëlle, uma empresária bem sucedida que vinga a morte do marido, fazendo justiça com as próprias mãos; a trágica história de Bernard Dorien, com sua boa intenção em colocar paz entre as gangues da favela Cité Pendue; a história de Max Junior, um rapaz influente que comete um crime contra Flore Voltaire, uma empregada da família; e a história de Louise George, uma apresentadora de rádio popular que dá voz à população da região por meio de seu programa de entrevista.

O romance apresenta como foco principal as relações de poder e desigualdades de classe, raça e gênero. Logo no capítulo inicial, Danticat faz um panorama do espaço onde se passa a história, enfatizando nas desigualdades econômica e social. No desenrolar da história, essas e outras desigualdades vão sendo detalhadas, o que nos possibilita enxergar que as relações de poder são representadas em formas de silêncios. Os silêncios em *Claire of the sea light*, portanto, dizem muito e estão repletos de significações, conforme veremos a seguir.

Todo o aniversário de Claire, seu pai Nozias visitava a senhora Gaëlle com o intuito de convencê-la a adotar a garota. Claire nunca participou da conversa, tampouco opinou sobre o assunto, nem mesmo em particular com seu pai. Ao contrário disso, ela sempre se manteve calada, em silêncio. Claire temia o dia em que a senhora rica dissesse sim para seu pai, e desse medo e das angústias vivenciadas pela garota só tomamos conhecimento através do narrador em terceira pessoa, sentimentos que vêm à tona, no momento em que ela foge. Após esse ato, entendemos que a ausência de palavras por parte da personagem nunca foi sinônimo de passividade.



Outra observação que nos intriga se refere à maneira pela qual Nozias lida com a situação precária de sobrevivência. Notamos que o personagem não questiona, nem contesta a posição marginal em que vive, ao invés de lutar para tentar solucionar os problemas de Ville Rose e criar sua filha consigo, prefere entregá-la a uma senhora rica da região e partir para procurar uma vida melhor. O não questionamento, porém, não significa covardia ou qualquer outra descrição similar, mas o resultado de não deter o poder. Nossa afirmação pode ser exemplificada no trecho a seguir, em que o narrador onisciente mostra uma certa reação de Nozias em uma situação de divergência de opiniões:

Naquela noite em particular, Nozias sentiu que Albert Vincent estava esticando o significado de família tão longe que Albert Vincent, talvez sem querer, estava rebaixando a sua. Ela era *minha* família, ele queria dizer. Não a sua. Ou da casa de funeral. Em vez disso, ele disse [...] Muito obrigado (DANTICAT, 2014, p. 31, tradução nossa).<sup>2</sup>

O excerto acima se passa no funeral da esposa de Nozias, Claire Narcis, no qual Albert Vincent lamenta a morte de sua empregada, dizendo que ela fazia parte da família. Evitando contestar a afirmação da pessoa que empregava sua esposa e havia pago todas as despesas do serviço funerário, Nozias se silencia, e opta em dizer apenas um “muito obrigado”. Essa reação é compreendida ao passo que nos é informado que Albert Vincent não era apenas o patrão de Claire Narcis, era também o dono da única funerária de Ville Rose e o prefeito da cidade, ou seja, uma pessoa que detinha o poder político, social e econômico.

Além dessas formas de silêncio, notamos que a autora também representa formas coercitivas de silenciar. No capítulo intitulado “Ghosts” (fantasmas), o personagem Bernard Dorien, por meio de um programa de rádio, desejava poder acabar com os problemas entre as gangues de Cité Pendue. Ele escrevia notícias para um programa de rádio e, vendo nesse veículo de comunicação a oportunidade de se “tornar um tipo de jornalista de rádio, que falaria do que ele preferiria chamar de ‘gueto’ a partir do gueto”

---

<sup>2</sup> On that particular night, Nozias felt that Albert Vincent was stretching the meaning of family so far that Albert Vincent, perhaps without meaning to, was debasing his. She was *my* family, he wanted to say. Not yours or the funeral home's. Instead, he said [...] “Thank you very much”.

(DANTICAT, 2015, p. 68),<sup>3</sup> ele almejava poder dar voz aos grupos marginalizados de Cité Poudue, sobretudo às gangues. Vejamos como o personagem idealiza o programa:

Seu comentário no segmento da Rádio, [...] seria chamado Chimè, ou *Ghosts* (fantasmas). [...] [A]s pessoas reorganizariam seus horários em torno disso. Elas não deixariam de discutir o assunto. Os ouvintes iriam se perguntar: quais são os homens e mulheres no gueto até agora? Eles seriam encorajados a descobrir maneiras de aliviar o problema das gangues. Também, presente no programa, teriam psicólogos especialistas em comportamento humano e planejadores de vizinhança (DANTICAT, 2014, pp. 69-70, tradução nossa).<sup>4</sup>

A ideia de Bernard não só foi rejeitada pelo dono da rádio como trouxe graves consequências a ele:

Na manhã seguinte, Bernard Dorien foi encontrado morto na cama de seu quarto vermelho. Ele tinha sido assassinado da mesma forma que Laurent Lavaud, o proprietário da loja de tecidos, com três balas precisas, e, no caso de Bernard, silenciosamente, administrada ao seu coração (DANTICAT, 2014, p. 84).<sup>5</sup>


O exemplo ilustra que a tentativa de Bernard em dar voz a grupos marginalizados, com a intenção de diminuir o número de mortes da região, custou-lhe a vida, pois ao manifestar sua ideia, o personagem foi brutalmente calado, sendo preso e torturado pela polícia e, por fim, assassinado. Seu fim trágico se esclarece quando nos é informado que as gangues de Cité Poudue e seus respectivos conflitos eram financiados pelos políticos que, juntamente com a política, concentravam o poder em suas mãos. Bernard foi acusado de ser o mentor de um tiroteio, que culminou na morte do empresário Laurent Lavaud, esposo de Madame Gaëlle, a qual sensibilizada com o crime, aceita a proposta da polícia em vingar a morte do marido, resultando, assim, no silenciamento de Bernard.

---

<sup>3</sup> [...] becoming the kind of radio journalist who'd talk about what he preferred to call a 'gheto' from the inside.

<sup>4</sup> [...] his commentary segment at Radio Zòrèy [...] would be called Chimè, o Ghosts. [...] People would rearrange their schedules around it. They wouldn't be able to stop themselves from discussing it. What are the men and women in the geto up to now? listeners would ask themselves. They would be encouraged to figure out ways to alleviate the gang problem. Also featured on the program would be psychologists, human-behavior experts, and neighborhood planners.

<sup>5</sup> The next morning, Bernard Dorien was found dead in the bed of his red bedroom. He had been murdered in the same way that Laurent Lavaud, the owner of the fabric shop had, with three bullets expertly, and, in Bernard's case, silently, administered to his heart.



Outra forma de silenciamento que é representada na narrativa surge nas relações de poder entre os gêneros masculino e feminino e de empregada e empregador. No capítulo “Di mwen, Tell me” é retratado o caso de estupro de Flore Voltaire cometido por Max Ardin Junior, conforme mostra o excerto:

Ela fechou os olhos e tentou fingir que ele não estava lá. Em seguida, ela abriu os olhos de novo e olhou ao redor, seu olhar direcionado sobre a lanterna iluminando seu rosto branco, vago. Debaixo de seu casaco de barbear, ele estava nu. A princípio, ela pensou que ele estava dormindo, com sonambulismo, sonhando em seus pés. Ou que ela estivesse (sonâmbula). Ela estava com muito medo de falar. Os relâmpagos e trovões pareciam não incomodá-lo, e ele moveu seu rosto para o dela até que o corpo dela ficou preso debaixo do dele sobre a cama (DANTICAT, 2014, p. 168, tradução nossa).<sup>6</sup>

O excerto descreve a cena da agressão contra a personagem Flore, que, mesmo reagindo ao ato em si – “ela usou todo o seu peso para tentar empurrá-lo, mas não conseguiu” (DANTICAT, 2014, p. 170, tradução nossa),<sup>7</sup> permanece em silêncio. Silêncio que foi mantido por dez anos até que Louise George a convenceu a revelar publicamente, no programa de rádio, que Max Ardin Senior, pai do agressor, pagou a quantia de 2 mil dólares americanos para que ela não revelasse a agressão propriamente dita e a criança que foi gerada em decorrência desse ato. Ao ser indagada por Louise pela razão/razões de a personagem ter guardado o crime em segredo, Flore diz: “Diga-me, quantos na minha situação conseguem justiça?” (DANTICAT, 2013, p. 176, tradução nossa).<sup>8</sup>


A personagem Flore não se silencia por dez anos pelo fato de ter recebido a quantia de dez dólares americanos, ou por inércia, mas por acreditar que a denúncia não seria acatada, pois Max Junior era um jovem influente, pertencente a uma família com poder aquisitivo. A última citação externa à certeza da personagem de que não seria justificada, e que nenhuma punição seu agressor receberia. Nesse sentido, Flore Voltaire

---

<sup>6</sup> She closed her eyes and tried to pretend he wasn't there. Then she opened her eyes again and looked around, her gaze settling on the flashlight illuminating his blank, vacant face. Underneath his shave coat, he was naked. A first she thought he was asleep, sleepwalking, dreaming on his feet. Or that she was. She was too frightened to speak. The lightning and thunder did not seem to trouble him, and he moved his face toward hers until her body was pinned beneath his on the bed.

<sup>7</sup> she had use all of her weight to try to push him off of her, but could not

<sup>8</sup> "Tell me, how many in my situation get justice?"



não vendeu seu silêncio, mas a circunstância a que foi submetida que a obrigou a se calar.

### **Considerações finais**

O resgate histórico do Haiti que realizamos inicialmente nos fez compreender que são muitas as dificuldades e os desafios que os escritores oriundos de países que sofreram ou sofrem repressões políticas enfrentam ao criarem seus trabalhos. Embora Edwidge Danticat goze de uma vida privilegiada, morando nos Estados Unidos, não deixa de lado as questões políticas de seu país de origem, aliás, viver em exílio, talvez, seja a razão pela qual ela escreve.

Em *Claire of the sea light*, Danticat retrata as relações de poder e desigualdades que insistem em permanecer no Haiti, e que são representados na narrativa em forma de silêncios. Entendemos que as formas de silêncio apresentadas nas histórias de Claire e Nozias são modos que autora usou para representar a condição de subalternidade dos personagens. Conforme mostrado, Claire não podia manifestar-se contrária à decisão de seu pai, porque as condições precárias em que vivia não lhe davam esse direito. Da mesma forma seu pai Nozias, que para resolver seus problemas, não encontrou outra alternativa a não ser partir. Ainda, as formas coercitivas de silenciamento mostradas nas histórias de Beranrd e Flore são modos que Danticat utilizou para representar a censura e as injustiças que permeiam uma sociedade. Dessa forma, a análise nos dá suporte para afirmar que os silêncios, tais como são representados no romance, estão repletos de significados.

### **Referências bibliográficas**


DANTICAT, Edwidge. *Claire of the sea light*. Quercus Editions Ltd, Great Britian /London, 2014 (2013).

DANTICAT, Edwidge. *Create Dangerously: the immigrant artist at work*. Vintage, USA, 2011.

\_\_\_\_\_. A cultura do Haiti nasceu da luta, diz Edwidge Danticat. Entrevista ao *Milênio*. Disponível em: <http://g1.globo.com/globo-news/noticia/2012/05/cultura-do-haiti-nasceu-da-luta-diz-edwidge-danticat.html>. Acesso em: abril de 2017.

MAYNARD, Lauren Newkirk. *Babel*. Readers guide. Just Buffalo Literary Center. Buffalo, NY, 2011. Disponível em: <http://www.justbuffalo.org/wp->





<content/uploads/2015/09/edwidge-danticat-readers-guide-babel-just-buffalo-2011-03-25.pdf>. Acesso em: abril de 2017.

ORLANDI. Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Editora Unicamp, 2007.